



DEDO DE PROSA

LIANA JOHN

O ideal, o real e os números

A Amazônia gera e alimenta sonhos há pelo menos 4 séculos. Cheia de superlativos, abriga imensas riquezas naturais e altíssima biodiversidade. É onde fica a maior floresta tropical do mundo, o maior rio do mundo, o maior volume de água doce do mundo, a maior mina de ferro do mundo, o maior peixe de escamas do mundo, a terceira maior reserva de bauxita do mundo e vários outros 'maiores do mundo' seguidos de 'maiores do Brasil' e 'maiores da região'.

Os muitos sonhos ali cultivados costumam ser tentativas de transformar tanta riqueza natural em desenvolvimento econômico. No início, claro, não havia a preocupação com a sustentabilidade – nem mesmo a palavra ou o conceito existiam. A floresta parecia infinita e à disposição da ambição humana. Foi assim já no Século 17, com o chamado ciclo das 'drogas do sertão' – guaraná, óleo de copaíba, manteiga de ovo de tartaruga, baunilha, pimentas – e também com a exploração do peixe-boi para consumo da carne e uso da gordura e da pele como matéria-prima para produtos diversos, incluindo correias de máquinas industriais.

A história se repetiu com a piaçava, a sorva e ganhou contornos de luxo durante o ciclo da borracha, de meados do Século 19 ao início do Século 20, até as mudas de seringueira serem levadas daqui para a Ásia, arrasando as exportações brasileiras tão logo as plantações entraram em produção.

Na segunda metade do Século 20 foi a vez dos projetos de colonização, de grandes rodovias e hidrelétricas, do mogno e de outras 'madeiras sem lei'. E quando a realidade se mostrou insustentável surgiu a via do extrativismo subsidiado, aliado da floresta e inserido em reservas extrativistas, mas sem sustentabilidade econômica.

Pode-se discorrer horas a fio sobre as diferentes razões pelas quais tantos ciclos se sucederam, porém não é difícil ver que todos eles repetem o padrão de crescimento e declínio sem alcançar a sustentabilidade de fato, aquela com 5 dimensões: ambiental, cultural, econômica, ética e social. Alguns argumentariam que tal sustentabilidade é inatingível no plano real, é mais um sonho na longa lista regional. Talvez. Mas preferimos acreditar que ela pode ser construída, mesmo aos poucos.

Vemos indícios de mudança de atitude entre os responsáveis por projetos comunitários, por iniciativas inovadoras e até entre os gerentes de grandes empreendimentos. Por isso trazemos a discussão sobre os caminhos da Amazônia nas páginas de nossa edição especial de setembro.

Levantamos a velha questão da caça de subsistência que hoje nem é considerada importante e, no entanto, impacta fortemente a fauna, chegando a provocar extinções locais dos animais mais procurados, como os primatas. Tratamos da lenta migração do extrativismo assistencial para modelos de negócios no setor alimentício e de cosméticos. Falamos das possibilidades de produtos da floresta ocuparem nichos rentáveis de mercado, ao serem inseridos nos cardápios da alta gastronomia urbana. Apontamos as evidências de mudanças na relação das mineradoras com o ambiente a ser preservado e as comunidades de seu entorno. E conta-

TerraGente

DIRETORES

Antônio Carlos Coutinho Nogueira
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos Coutinho Nogueira,
Ciro Porto, Ivan Szazma,
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho,
Liana John, Paulo Nogueira-Neto, Rogério Salviani,
Sérgio Salvati, Suzana Machado Padua

DIRETOR EDITORIAL | **Ciro Porto**

EDITORES EXECUTIVOS

Liana John | Valdemar Sibinelli

EDITORES

Luiz Figueiredo | Maraisa Ribeiro

DIREÇÃO DE ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA
Matheus Jeremias Fortunato

FOTOGRAFIA

Alexandre Sá, Altino Machado, Carlos Alberto
Coutinho, Dirceu Martins,
Edson Endrigo, Fábio Colombini, José Sabino,
Silvestre Silva, Vito D'Alessio

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Adriano Gambarini, Eduardo Lacerda,
Evaristo E. de Miranda, Isabela Leite,
José Alberto Gonçalves, Helen Sacconi,
Maura Campanili, Roberto Smeraldi

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Ciro Porto (Mtb 20.414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

Gerente comercial | Rubens Rosa

Circulação | Talita Cristina Ribeiro

Distribuição | Fernando Chinaglia

Impressão | Globo Cochrane

PARA ANUNCIAR:

Gerência Comercial (09) 3776.6583 - (09) 91578313
rubens.rosa@eptv.com.br

SUCURSAL PAULISTA

Solange Mendonça - sol@sucursalpaulista.com.br
Isabel Bruno - isabelbruno@sucursalpaulista.com.br
Av. Engenheiro Faria Lima, 1826, 11 andar cj 1104/05
CEP: 01452-002 - São Paulo - SP
terragente@sucursalpaulista.com.br
(11) - 3816.1690

REPRESENTANTES

Brasília: Pedro Abelha
pedroabelha@frontcomunicacao.com.br
(61) 33219100 - (61) 9655.6647
Mato Grosso/Mato Grosso do Sul:
Luciano de Oliveira - faviro@opartida@hotmail.com
(65) 9235.7446 - (67) 9602.3419
Campinas: Alexandre de Lazari
contato@terragente.com.br

ANÚNCIOS E PATROCÍNIOS

Além de anúncios institucionais e comerciais em
temáticas tradicionais, Terra da Gente oferece a
opção de patrocínio das seções e colunas fixas.
Fale com nossos representantes.

CAPA

SA Team/Foto Natura/Minden Pictures

ESPÉCIE RETRATADA:

Vitória-régia (*Victoria amazonica*)

A revista Terra da Gente é uma
publicação mensal da Terra da
Gente Produções e Eventos Ltda,
uma empresa do Grupo EPTV



mos como funciona o turismo de base comunitária, uma alternativa para quem quer mais do que passear entre belas paisagens.

É a nossa forma de evidenciar os sinais de mudança que enxergamos em meio a crises de credibilidade e discussões vazias sobre os números do desmatamento. Os números – bem como as imagens de satélite nas quais se baseiam – são instrumentos para identificar problemas. São indicadores, não são os problemas em si. Porém ninguém parece saber bem como usá-los.

O Governo Federal já notou que não pode relegar o gerenciamento de uma região tão complexa – e sob tantos olhares internacionais atentos – a ministérios estanques, sem comunicação uns com os outros. No entanto não consegue fazer algo tão essencial como usar os números do desmatamento para dar um passo à frente dos agentes de destruição e propor um ordenamento territorial para a Amazônia, com oportunidades para produção em lugar da especulação. Nem consegue fazer uma avaliação ambiental integrada dos impactos do conjunto de obras do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) na região. Ou tirar (enfim) do papel o macrozoneamento econômico ecológico, na pauta regional há pelo menos 20 anos.

Bem sabemos que não é fácil passar dos indícios às vias de fato, da discussão e compreensão dos problemas para um espectro realista de soluções. Sobretudo quando uma imensa barreira chamada ilegalidade insiste em desequilibrar a balança entre as atividades produtivas e a proteção aos ecossistemas.

A informalidade das atividades produtivas na Amazônia não é mera concorrência desleal para com quem anda dentro da lei. É o alimento da corrupção, da impunidade e da violência. Por isso deveria ser tratada como o principal inimigo de todos os que pretendem construir uma Amazônia sustentável – inclusive e principalmente os governos em suas várias instâncias.

A burocracia é outro inimigo comum. Produzir usando de modo racional os recursos naturais da Amazônia é, antes de mais nada, um exercício de paciência e perseverança. O excesso de burocracia empurra insistentemente os produtores para a ilegalidade, enquanto premia especuladores e aventureiros de todo tipo com o benefício da impunidade.

Instrumentos legais existem para redirecionar a gestão pública e devolver à Amazônia o direito de planejar um futuro. Mas eles não saem das gavetas sozinhos. É preciso empenho e vontade política. E um mínimo de conhecimento de causa. É preciso aprender com os equívocos do passado, saber identificar as promessas do presente e trabalhar – muito – para construir o futuro.

Se vencermos o poderoso obstáculo da desinformação e da informalidade, se conseguirmos transformar em realidade uma pequena parte do potencial de uso da biodiversidade tropical, este poderá se tornar o maior legado socioambiental do mundo. Do tamanho da Amazônia...